

A Criação do Mundo

David Martyn Lloyd-Jones

Chegamos agora à doutrina da Criação propriamente dita, ou seja, como geralmente a consideramos. Temos, de fato, tratado dela dentro da doutrina sobre os anjos, onde vimos que Deus criou tanto os céus quanto a terra; e agora estamos focalizando a criação da terra e de tudo quanto nela existe.

Quando nos aproximamos desta doutrina, há certos pontos gerais que precisam ser considerados. Primeiramente, não nos foi dado um relato ou filosofia sobejamente detalhada da Criação, e no entanto alegamos que o relato que nos foi dado é perfeitamente acurado. A Bíblia alega que o relato é de Deus. Lemos em Hebreus 11:3: “Pela fé entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente.” Deus transmitiu a Moisés ou a algum outro um relato da Criação; portanto, esse relato não consiste de idéias ou teorias humanas. Entretanto, o relato bíblico não alega explicar tudo.

Em segundo lugar, devemos estar esclarecidos sobre o significado da Criação. Ela tem sido definida como “Aquele ato soberano de Deus por meio do qual Ele... no princípio trouxe à existência o universo visível e invisível, sem o uso de materiais preexistentes, e assim imprimiu-lhe uma existência distinta da existência dEle e, contudo, sempre dependente dEle” (Berkhof). Ora, esta é a nossa defesa contra outras teorias que têm sido postas em evidência. Há quem creia que a matéria é inerentemente eterna; enquanto que outros crêem na geração espontânea da matéria, bem como em seu desenvolvimento espontâneo. Outros pontos de vista consistem em que Deus simplesmente deu forma à matéria já existente, ou que a matéria é apenas uma emanção da substância divina. O *panteísmo* ensina que a matéria é apenas uma forma de Deus — que ela é Deus. Em contrapartida, os que crêem no *dualismo* afirmam que Deus e a matéria são eternos; enquanto que alguns ensinam que o mundo foi produzido por um espírito antagônico, outro deus ou demiurgo.

A doutrina bíblica, porém, é clara: Deus fez tudo a partir do nada. O mundo tem uma existência distinta; ele, porém, é sempre dependente de Deus. “... e todas as coisas subsistem por ele”, diz Paulo (Col. 1:17).

A terceira observação geral é que a Bíblia não fornece uma razão para a Criação. Ela não ocorreu devido alguma necessidade em Deus; não houve necessidade para ela. Tampouco foi motivada pelo amor de Deus. Ela foi um ato soberano em concordância com Sua vontade e glória; e, afinal das contas, não sabemos qual foi mesmo a razão.

Em quarto lugar, surge continuamente a pergunta: existem dois relatos da Criação — um em Gênesis, capítulo 1 e outro em Gênesis 2:4 e seguintes? A resposta é: não! Gênesis 2:4 não presume ser um relato da Criação. Ele é o início do relato da história do homem, e começa com a fórmula típica para isso — “Este é o livro das gerações...” (Vejam Gên. 5:1).

Essas são, pois, as observações gerais, e agora voltamos a considerar o ensino da própria Bíblia. Ela, primeiramente, nos afirma que *a Criação foi obra do Deus triúno*. Em geral, ela é atribuída ao Pai, as Escrituras, porém, deixam bem claro que ela é também obra do Filho. Lemos em João 1:3: “Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.” E em 1 Coríntios 8:6: “Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele.” Paulo também diz, em sua carta aos Colossenses: “Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis... tudo foi criado por ele e para ele” (Col. 1:16).

A Criação é também obra do Espírito Santo. Gênesis 1:2 diz: “E o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.” E lemos em Isaías 40:13: “Quem guiou o Espírito do Senhor? e que conselheiro o ensinou?” Portanto, ela é a obra perfeita do Três-em-Um — do Pai, através do Filho e do Espírito Santo. Ou, como tem sido expresso: a existência está no Pai, a idéia está no Filho e a vida está no Espírito.

Em segundo lugar, devemos focalizar o que a Bíblia nos ensina sobre *o tempo da Criação*. Nas memoráveis palavras iniciais da Bíblia, lemos: “No princípio Deus...” Somos informados, em muitos lugares, que para com Deus não existe tempo, e que o mundo e o tempo surgiram concomitantemente. Ora, tudo isso significa que houve um princípio, mas quando surgem as perguntas: o que havia antes? ou: o que ocorreu na Criação? Nossa única resposta é que não sabemos.

Em terceiro lugar, há o interessante aspecto quanto às *palavras que são usadas na Bíblia com referência à Criação*. A primeira é *bara'*, a qual significa chamar à existência sem o uso de material preexistente. Essa palavra é usada apenas três vezes em Gênesis, capítulo 1, e somente em relação à atividade de Deus no Velho Testamento. *Bara'* jamais é usada em conexão com material existente, e sempre descreve a atividade divina. Vejam Gênesis 1:1,21,27. A segunda é *'asah*, a qual significa dispor de material existente, um termo que é usado para descrever a obra da maioria dos dias da Criação: Gên. 1:7,16,25,26 e 31. E a terceira palavra é *yatsar*, a qual significa modelar de material preexistente. Ela é usada em Gênesis 2:7. Entretanto, esses termos são obviamente intercambiáveis.

Nosso quarto tema a ser considerado é: *o que exatamente aconteceu na Criação?* Aqui chegamos imediatamente ao problema da

relação existente entre os dois primeiros versículos de Gênesis, capítulo 1. Qual é a interpretação deles? Tem havido duas respostas principais. Uma delas é que esses versículos descrevem os dois estágios de um processo; enquanto que a outra diz que houve um intervalo entre os dois versículos. No segundo ponto de vista, o versículo 1 fala da criação original do céu e da terra, provavelmente com satanás e anjos habitando neles. Então sobreveio uma calamidade e uma destruição em consequência da queda dos anjos, e o versículo 2 fala da obra de reconstituição e reconstrução.

Há, ao meu ver, dois pontos em favor da segunda interpretação. Primeiramente, as palavras “sem forma e vazia” pressupõem devastação e destruição. Esse é o significado em Isaías 24:1: “Eis que o Senhor esvazia a terra, e a desola, e transtorna a sua superfície, e dispersa seus moradores.” E em Jeremias 4:23, lemos: “Observei a terra, e eis que estava assolada e vazia.” A segunda interpretação também explicaria todo o problema do estrato geológico. Os cristãos, porém, se acham divididos em tudo isso, e não podemos prová-lo de um modo ou de outro.

Em segundo lugar, ainda sob o nosso tópico quanto ao que exatamente ocorreu, devemos focalizar, naturalmente, os detalhes no relato bíblico dos dias da Criação. No primeiro dia, foi criada a luz; a luz e as trevas foram separadas, e então o dia e a noite foram constituídos. Tudo indica que a luz significa o éter luminoso ou a eletricidade — o sol é o condutor de luz.

No segundo dia, houve também uma separação. O firmamento foi estabelecido por meio da divisão das águas acima e as águas embaixo. A palavra “sobre” se refere às nuvens; enquanto que o “firmamento” significa uma expansão.

No terceiro dia, houve separação de mar e terra seca, e o reino vegetal de plantas e árvores veio à existência. Este se constitui de três tipos: relva, ervas, vegetais e grãos; e árvores frutíferas — todas “segundo a sua espécie”. Há dois pontos a serem observados aqui. O primeiro é que *Deus* fez isso, e o segundo é que “segundo a sua espécie”, no versículo 12, significa que as espécies são distintas e não se evoluem umas das outras.

O quarto dia viu a criação do sol, da lua e das estrelas, como condutores de luz. Sua função consiste em dividir dia e noite; agir como sinais da mudança do tempo, de importantes eventos futuros e do juízo por vir; afetar a mudança das estações e a sucessão de dias e anos, e servir como luzeiros.

O quinto dia viu a criação de pássaros e peixes. Notem novamente, no versículo 21, as palavras “segundo a sua espécie”. Uma vez mais, isso é uma indicação de espécies diferentes.

No sexto dia, primeiramente foram criados os animais. Notem também o uso das palavras “E fez Deus”, e, novamente, “segundo a sua espécie”; e “segundo a sua espécie”, no versículo 25. Então, em segundo lugar, no versículo 26, lemos sobre a criação do homem, e isso é especial.

Há um paralelo a ser notado entre a obra dos primeiros três dias e dos últimos três dias:

Dia 1 A criação da luz	Dia 4 A criação dos condutores de luz
Dia 2 A criação da expansão e a separação das águas	Dia 5 A criação dos pássaros do ar e dos peixes do mar
Dia 3 A separação de água e terra seca, e a preparação da terra como uma habitação para homem e os animais	6 A criação dos animais do campo, gado e seres rastejantes, e o homem

E finalmente somos informados que no sétimo dia Deus descansou e contemplou Sua obra. Ele viu a Sua obra como faz um artista, e estava satisfeito com ela. “E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom.”

O próximo assunto que precisamos focalizar é o exato significado do termo *dia*. Há dois pontos de vista principais. O primeiro é que ele significa um dia de vinte e quatro horas, e o segundo é que ele significa um extenso período de tempo.

Há considerável discordância entre as pessoas sobre este tema, pessoas essas que igualmente são bons cristãos, e o significado correto não pode, afinal, ser provado de um modo ou de outro. Em favor do segundo ponto de vista está o fato de que, na Bíblia, a palavra traduzida em Gênesis, capítulo 1, por “dia” nem sempre significa um dia de vinte e quatro horas. Nos versículos 5, 16 e 18, de Gênesis, capítulo 1, o termo se refere às horas diurnas, enquanto que nos versículos 5, 8 e 13, significa luz e trevas; e em Gênesis 2:4, significa o sexto dia da criação.

Em seguida, noutras passagens da Bíblia a mesma palavra significa um infinito período de tempo, como “o dia da calamidade” (Jer. 51:2), ou “o dia do Senhor” (Is. 13:6; Joel 3:14), e, naturalmente, em 2 Pedro 3:8, lemos: “um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia”. Essa última referência, contudo, não é relevante para a

nossa discussão, visto que o propósito de Pedro era mostrar as diferenças entre eternidade e tempo.

Por outro lado, em favor do dia de vinte e quatro horas está, antes de tudo, o fato de que este é o primeiro significado da palavra hebraica. Em segundo lugar, há a importância da frase “tarde e manhã” ao longo de Gênesis, capítulo 1. Como deveríamos explicar tal repetição? Surge imediatamente a questão: se vocês tomarem *dia* no sentido de um período extenso, então como explicariam a expressão *tarde e manhã*? Se vocês tomarem o ponto de vista que afirma que na criação do mundo Deus envolvera milhões de anos para fazer algo que é descrito aqui como havendo sido feito num dia, e então seguiu-se uma tarde na qual houve trevas, e não ocorrendo nada aparentemente, e então outro período extenso, e assim por diante, como, pois, vocês considerariam tanto essas tardes quanto essas manhãs extensas? O que estaria acontecendo durante esses milhões de anos de tardes? Demais disso, vocês terão que responder à questão aparentemente impossível: como poderia a vida — a vida vegetal e animal — existir de algum modo durante esse extenso período de milhões de anos de trevas e ausência de luz? Não apenas isso, parece perfeitamente evidente que os últimos três dias no relato deste primeiro capítulo de Gênesis foram determinados pelo sol, e portanto eram dias de vinte e quatro horas. A partir do instante em que o sol vem à existência e determina a diferença entre dia e noite, seguramente todos devem concordar que agora de qualquer forma estamos tratando de vinte e quatro horas. Daí, se a outra teoria é correta, então somos solicitados a crer que os primeiros três dias significam um período extenso, mas que os últimos três dias significam apenas dias de vinte e quatro horas, e obviamente não há nada no próprio relato que sugira que a palavra tenha dois significados diferentes. Não posso provar que não haja diferença, mas seguramente seria algo bem estranho se houvesse essa abrupta mudança de significado quando a descrição é idêntica em ambos os pares de três dias.

Ao meu ver, porém, o argumento mais importante de todos se acha no que nos é dito sobre o repouso de Deus no sétimo dia, contemplando com satisfação a obra que criara. Notem, também, a importância que é atribuída a isso nas Escrituras, e particularmente, sem dúvida, na questão de nossa observância e guarda do sétimo dia. Em Exodo, capítulo 20, lemos: “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou: portanto abençoou o Senhor o dia de sábado, e o santificou” (vv. 8 e 11). E isso é repetido diversas vezes nas Escrituras.

Ora, nesse ponto, naturalmente, não pode haver qualquer discussão. A referência é a um dia de vinte e quatro horas. O sábado que eles foram ordenados a observar não poderia ser um extenso período; só poderia ser um dia de vinte e quatro horas, e a razão apresentada é

que, depois que Deus criou o mundo em seis dias, Ele descansou no sétimo. Não diz que Ele descansou ao longo de um período de milhões de anos.

Bem, ao meu ver, aí está a evidência relativa a ambas essas teorias. Creio ter deixado bem claro que até onde me diz respeito (é só uma opinião, não a posso provar), não posso ver como seríamos autorizados a interpretar este termo “dia” por outro sentido senão pelo significado normal de vinte e quatro horas. As dificuldades das outras suposições a tornam, pelo menos para mim, completamente impossível.

Devo lembrá-los novamente, porém, que eminentes eruditos e devotos cristãos têm defendido e sustentado o outro ponto de vista. Graças a Deus que a nossa salvação não é determinada por nossa opinião sobre esta questão em particular. Espero que iremos todos atentar para a evidência, mantendo essa tão importante verdade na mente. Penso ser correto e importante que olhemos para estas coisas; porém, sermos dogmáticos ou insistirmos que uma partícula de evidência pode certamente provar nossa tese, é tornarmo-nos burlescos.

Portanto, prossigamos para outra questão. Pergunta alguém: “O que pensar de tudo isso face a ciência moderna?” Ora, como disse no início desta série de preleções, elas não pretendem ser preleções sobre apologética, e gostaria de enfatizá-lo novamente.

Aliás, se eu consultasse meus próprios sentimentos não faria o que estou propondo fazer agora. Mas, afinal, sei muito bem, tendo sido eu mesmo um estudante, e um estudante de ciência e biologia, que muitos cristãos se metem em dificuldades sobre estes assuntos. Portanto, considero parte da função de um ministro cristão tentar ajudar. Sei que, ao fazê-lo, ele se expõe a ataques de todos os lados, todavia isso realmente não importa. E nosso dever ajudar uns aos outros o máximo que pudermos. Deixem-me esclarecer bem que não estou asseverando que sou capaz de provar muito, contudo, de qualquer modo, creio poder discordar de algumas conjecturas comuns e populares.

Assim, pois, o que dizer de tudo isso face a ciência moderna? Ora, certas coisas podem ser afirmadas sem qualquer receio de contradição, e eis a primeira: *este problema, a controvérsia entre a ciência e a Bíblia, é um dos que são grandemente exagerados*. A dificuldade, geralmente, se deve ao fato de que, por um lado, o que se propõe como ciência não é ciência, e sim, meramente opinião e pressuposição; e, por outro lado, o que se considera como bíblico, muitas vezes não é o ensino bíblico. Por isso, se vocês tiverem uma falsa concepção da Bíblia e da ciência, então óbvia e facilmente se verão provocando uma acirrada disputa entre ambas. O problema se deve largamente ao fato de que as pessoas persistem em citar erros como fatos, e pressuposições como verdades. Devo asseverar sempre, porém, que não estou cômico de qualquer

contradição real entre o ensino da Bíblia e os verdadeiros fatos científicos estabelecidos. Ora, essa é a coisa mais importante de todas.

E deveras surpreendente observar o modo como a Bíblia faz afirmações que entram na esfera da ciência. Tem-se realçado freqüentemente que, se compararmos o livro de Gênesis com alguns dos relatos da literatura egípcia ou babilônica acerca da origem da vida, do mundo e do homem, o contraste é simplesmente incrível. Ali existem mitos e superstições, exageros e grosseiras declarações que, manifestamente, são impossíveis e ridículos. Não há nada disso nas Escrituras. Se puserem a Bíblia em confronto com a literatura que é mais ou menos da mesma data, a diferença é verdadeiramente notável. E isso, creio eu, é uma partícula de evidência muito importante.

Muito bem, já lhes lembrei de passagem — mas é importante dizê-lo novamente — que mesmo na época do livro de Jó já era conhecido que a terra é um globo. A Bíblia jamais diz que a terra é achatada. Em Jó 26:7 lemos isto: “O norte estende sobre o vazio; suspende a terra sobre o nada.” Ora, se o livro de Jó é (como provavelmente seja o caso) talvez o livro mais antigo do mundo, remontando à mais remota antigüidade, então devemos perguntar: como uma coisa dessas poderia ser conhecida? Quem jamais teria pensado ou imaginado tal coisa? Evidentemente, foi revelado por Deus. E atual. Caso vocês o prefiram, é ciência moderna. E uma descrição da terra como globo.

Também, outra coisa que tem sido realçada com muita freqüência é que a própria ordem da Criação apresentada no primeiro capítulo de Gênesis é idêntica com a ordem que os cientistas modernos nos dão — o que quero dizer por cientista moderno é alguém que não é cristão e que rejeita a Bíblia.

E em seguida há outro ponto muito notável, a saber, foi descoberto neste presente século que só há quatro grupos sanguíneos, que toda a humanidade pode ser dividida nesses quatro grupos, e que todos eles podem ser derivados de apenas um casal. Então vocês se lembram do que o apóstolo Paulo falou às pessoas de Atenas, que Deus “de um só fez toda a geração dos homens...” (Atos 17:26). Finalmente, temos um contraste entre o luzeiro maior e o luzeiro menor no livro, de Gênesis. Noutras palavras, eles compreenderam que havia certa diferença entre o sol e a lua, fato este extremamente notável.

“Por outro lado”, pergunta alguém, “o que dizer das declarações dos geólogos que nos dizem que uma camada foi assentada, e em seguida veio outra camada, e assim vocês têm os vários estratos?” Isso tem causado bastante problemas. Muitos cristãos têm se sentido perplexos com isso, e muitas teorias têm se apresentado numa tentativa de conciliar a Bíblia com essa suposta evidência da geologia.

Alguns têm formulado a teoria de que Gênesis não pressupõe ser um tratado científico, mas é apenas alegoria ou poesia, que a Bíblia não reivindica ser cientificamente exata, porém que é uma maneira típica, poética e alegórica de descrever a Criação. A isso responde-se que, naturalmente, não existe nenhum indício de poesia nesses primeiros capítulos de Gênesis. A forma não é de maneira alguma poética. Ela reivindica ser histórica. Reivindica apresentar fatos, e a história que se segue imediata e diretamente dela é certamente genuína história, e não alegoria.

Então outros dizem: “Bem, é claro que, sem dúvida, isso é um mito.” E um mito, eles dizem, é algo que incorpora verdade religiosa. É uma afirmação que não é necessariamente verdadeira em si e por si mesma; é histórico, em certo sentido, e no entanto não é histórico. Um mito não fornece informação sobre o que realmente aconteceu, porém revela um significado e verdade religiosos. Entretanto, no momento que dizemos que Gênesis, capítulo 1 é um mito, nos pomos em dificuldades em relação à Pessoa e ao ensino do Senhor Jesus Cristo, visto que em Seu ensino sobre o divórcio, Ele Se referiu à criação do homem e da mulher. Ele baseou todo o Seu argumento no fato de que a Criação é história literal. Isso nos leva a estabelecer outra proposição, ou seja, que vocês devem ser sempre cuidadosos, para que, ao tentarem solucionar uma dificuldade, não se vejam criando uma outra mais séria ainda. Voltaremos a isso mais adiante.

Então, outra forma de propor uma resposta à questão geológica é a de introduzir aquela antiga concepção de que um dia significa um longo período — argumento que já tratamos. E aqui, outra vez me parece, voltamos para duas possibilidades: uma é aquela teoria da restituição, à qual já me referi, que declara que há um intervalo entre os versículos 1 e 2. Essa aparenta-me ser uma explicação que seria adequada. Não estou afirmando que é correta, mas parece ser a resposta para muitas dificuldades. Se vocês, porém, não a aceitarem, então devem lembrar que, afinal, os geólogos não estão todos concordes, e que ainda é possível que estejam equivocados. Não posso provar isso, entretanto devemos tê-lo sempre em mente como uma possibilidade. A própria queda do homem pode ter produzido tal cataclismo sobre a terra, o que resolveria a maior parte do problema. Sabemos que Deus amaldiçoou a terra por causa do pecado do homem. Qual foi o limite dessa maldição? O que aconteceu, então, e o que aconteceu no dilúvio? A resposta, naturalmente, é que simplesmente não sabemos. Mas é possível que ali, de alguma maneira, algo aconteceu que esclarece suficientemente essas diferentes camadas de que falam os geólogos. Contudo, afinal de contas, há certos assuntos sobre os quais é melhor dizer que não sabemos; é a única posição honesta e segura a assumir.

Podemos afirmar, porém, que hoje a ciência é muito mais humilde do que foi no início do século. Têm ocorrido grandes mudanças e admissões nas atitudes e pontos de vista científicos. A posição, por

exemplo, em relação à astronomia, hoje, é muito diferente da que era antigamente, e isso é algo admitido por todos os competentes investigadores neste campo. Por conseguinte, parece-me haver aqui uma regra: sejamos sempre cuidadosos em diferenciar entre teorias e fatos, suposições e provas. Quando alguém diz: “A ciência tem feito assim e assim”, verifiquem se ele lhes está apresentando um fato e não meramente promovendo a teoria de um cientista em particular.

Ao mesmo tempo, porém, que aqueles dentre nós, que são cristãos, sejam muito cuidadosos ao encarar os fatos quando os mesmos são postos diante de nós. Que jamais levemos a culpa de obscurantismo. Que jamais recusemos um fato só porque ele torna as coisas difíceis para nós; que jamais tentemos inventar fatos e jamais promovamos teorias que não sejam patentemente genuínas. Por exemplo, houve um homem que certa vez tentou defender o relato de Gênesis, afirmando crer que quando Deus criou o mundo, Ele realmente criou esses estratos geológicos, e que criou até mesmo os fósseis existentes neles. Tal atitude, porém, faz toda a posição da Bíblia ridícula e fútil. Não devemos jamais simplesmente sepultar nossas cabeças na areia e dizer: “Bem, continuarei afirmando isto, seja o que for que venha a ser dito!” Devemos ser razoáveis e dispostos a encarar a evidência real, peneirando-a e examinando-a, mas lembrando sempre que os cientistas são seres humanos, e que, como nós, são seres humanos pecadores. Por essa razão, quando o pedirem a crer que, só porque alguém é um cientista, ele é um mero intelectual, não tem preconceito algum e é consumido por uma paixão pela verdade, excluindo tudo mais, lembrem-se de que isso não é verdade. Os cientistas, como o restante de nós, são cheios de erros e de falhas. Aliás, eles estão entre os mais teimosos do mundo moderno. Certamente que o dogmatismo não é algo pertencente só aos púlpitos! Vocês podem achá-lo nos laboratórios científicos, no rádio e nos livros.

Ora, isso me leva a sugerir uma ou duas palavras sobre a difícil questão da evolução. Digo uma vez mais que, se eu fosse consultar minhas próprias inclinações e sentimentos, eu não faria isto. Por trinta e sete anos, mais ou menos, que tive que ler, por várias razões, o argumento acerca da evolução, e confesso que me sinto cansado dele. E até agora, indubitavelmente, eu sei que ela é uma questão viva e ardente para muitos. Sei que muitos jovens nas escolas e colégios, e outros lugares, estão sendo ensinados coisas como se a evolução já fosse algo provado além de qualquer dúvida. Sinto que por essas razões, se não por outras, devo novamente fazer apenas um ou dois comentários, embora do ponto de vista da doutrina bíblica não haja necessidade para que eu faça isso.

Ora, quando nos aproximamos desta questão da evolução, temos de começar com uma definição. Evolução, como comum e popularmente compreendida, significa isto: a vida é algo que se procria. E uma força e um poder em si e por si mesmos, e produz um tipo de outro tipo

anterior. Começamos com algo completamente simples e não diferenciado, e disso evolui-se algo mais desenvolvido e complexo, e isso por sua vez evolui em algo ainda mais complexo, e assim por diante, e dessa maneira subimos a escala de um ponto a outro.

Há muitos grupos de pessoas que crêem na evolução, e o grupo mais comum e mais numeroso de todos compreende os ateus que excluem Deus completamente — a assim chamada *evolução ateísta*. Outrossim, existe também a teoria às vezes chamada *evolução deísta*. Os proponentes deste ponto de vista dizem: “Sim, cremos em Deus e cremos que Deus criou a matéria no princípio. Tendo, porém, criado a matéria, Ele não fez nada mais que isso. Ele injetou poder na matéria, e esta fez o resto sozinha. Deus, por assim dizer, deu corda ao relógio; e, tendo feito isso, Ele o deixou de lado, e o relógio teve que prosseguir sozinho. Todas as grandes mudanças conducentes ao homem, dizem eles, têm ocorrido, por assim dizer, automaticamente saindo desse poder.

E há um terceiro grupo que defende o ponto de vista que se chama *evolução teísta*. E constituído de pessoas que se dizem cristãs — crêem em Deus, e ao mesmo tempo crêem na evolução. Vocês os encontrarão tanto entre os católicos romanos como entre os protestantes — inclusive os cristãos evangélicos protestantes. Dizem que o desenvolvimento desses diferentes tipos e espécies tem prosseguido, porém Deus o tem governado e tem intervindo freqüentemente no processo. Portanto, são distintos dos deístas — são teístas e enfatizam a atividade de Deus.

Pois bem, não pretendo ficar nisso; gostaria simplesmente de fazer alguns comentários. A primeira coisa que temos de sempre lembrar é que a evolução não passa de *teoria*. Ninguém pode prová-la. Aliás, há muitas teorias diferentes (as quais não concordam entre si). Se porventura vocês quiserem conhecer um dos melhores ataques de real valor contra a teoria particular de Darwin, eu lhes recomendaria que lessem (e é provável que vocês se assustem por eu citar o nome de tal homem) a introdução de Bernard Shaw ao seu drama *Man and Superman* para uma devastadora crítica contra o estigma particular da evolução de Darwin. Shaw, vocês se lembram, cria em outro tipo de evolução.

Tenho dito isso com freqüência, toda vez que me vejo envolvido em discussões, e o passo a qualquer um que se vê perturbado por pessoas que falam com muita loquacidade sobre a evolução: a próxima vez que alguém vier a vocês e começar a brandir esta palavra “evolução”, apenas interrompam e proponham esta pergunta: “Em que marca ou teoria da evolução você acredita?” E creio que vocês descobrirão que em nove casos, entre dez, estarão introduzindo-os pela primeira vez ao conhecimento da existência de mais de uma teoria. De maneira que há muitas teorias, e um interessante argumento continua

bailando entre os seus advogados; todavia, nada está provado. Demais disso, nenhuma das teorias realmente explica a origem de tudo. Os cientistas falam de um grande planeta que começou a esfriar — mas, de onde veio tal planeta? Falam desse limo primitivo, desse protoplasma, porém de onde isso veio? De onde vieram os gases que se resfriaram? E assim por diante. Não há explicação para a origem das coisas. Eles admitem isso francamente. E ainda é muito importante. Não apenas isso, eles têm fracassado completamente em explicar por que certas mudanças devem acontecer de qualquer modo. Por que esse limo ou protoplasma não diferenciado se tornaria mais complicado e envolvido? O que o fez assim? Não o sabem. Há um fracasso total em explicar as mudanças, menos ainda para explicar por que as mudanças seriam sempre ascendentes.

Os geólogos falam sobejamente *sobre* a evidência provida pelos fósseis, e assim por diante. Entretanto, é um fato que os registros geológicos mostram que existe uma fixidez de protótipos. Um protótipo é sempre o mesmo no registro geológico. Outra coisa que os registros demonstram é que cada protótipo apareceu de repente. Não houve o evoluir gradual de um novo protótipo; subitamente, vocês encontram um novo protótipo absolutamente completo. E o terceiro ponto sobre o registro geológico consiste na escassez de evidência do assim chamado *elo perdido*. Se um protótipo gradual e quase imperceptivelmente se transforma em outro, então vocês esperariam encontrar alguma evidência nesses depósitos de algum desses estágios intervindo, e eles simplesmente não podem ser encontrados. O elo perdido é um poderoso argumento.

Além disso, se vocês estiverem interessados em minha opinião pessoal, colocá-la-ei na seguinte forma: independentemente de minha fé na Bíblia como a inspirada e autoritativa Palavra de Deus, unicamente sobre bases científicas, jamais consegui aceitar a teoria da evolução. As dificuldades que teria de enfrentar, se eu aceitasse a teoria da evolução, seriam muitíssimo maiores do que as poucas dificuldades residuais que me restaram quando aceitei o registro bíblico. Para que vocês não venham a pensar, porém, que essa é simplesmente minha opinião pessoal, deixem-me apresentar-lhes uma ou duas afirmações de algumas autoridades nesses assuntos, para que vejam o quanto substanciam minha afirmação. Existe um biólogo chamado Delage, que creu na evolução, e eis o que ele disse: “Alguém é ou não conformista (ou seja, crente na evolução), não tanto por motivos deduzidos da história natural, quanto por motivos baseados na opinião filosófica pessoal.” Aqui um homem que crê na evolução e diz que o que realmente determina o ponto de vista de uma pessoa não é tanto seu conhecimento científico quanto sua opinião científica. Ele prossegue, dizendo: “Se alguém assume sua posição baseando-se exclusivamente em fatos, deve-se reconhecer que a formação de uma espécie de outra espécie não tem sido demonstrada de maneira alguma.” E esse foi um homem que creu na evolução e foi um grande biólogo.

Outro cientista afirmou: “O darwinismo é mais uma religião do que uma ciência.” Ele é, diz ainda, não tanto uma questão de fato científico quanto de perspectiva conclusiva de uma pessoa. Dessa forma, diz ele, a idéia da evolução tem-se tornado uma convicção sagrada de milhares, convicção essa que não tem mais nada a ver com pesquisa científica imparcial. Este ponto de vista foi reiterado pelo Professor D. M. E. Watson, que certa vez disse numa radiodifusora: “A evolução propriamente dita é aceita pelos zoólogos, não porque tenha sido vista ocorrer, ou porque possa ser provada como verdadeira pela evidência logicamente coerente, mas porque a única alternativa, a criação especial, é claramente inacreditável.” Vejam vocês: como ele não tinha os fatos para comprovar sua teoria, porém, visto que não podia crer na idéia de um Deus que cria, então creu na evolução.

Poderia prosseguir apresentando-lhes citações. Outros — como Sir Arthur Keith, por exemplo — admitem que a evolução é “um dogma básico do racionalismo”. Então, deixem-me apresentar-lhes apenas mais uma declaração. Um membro da Royal Society (e ser um membro da Royal Society é a maior distinção que um cientista poderia ter neste país ou em qualquer outro) observou que é um “suicídio profissional” para um biólogo atacar a evolução. Noutras palavras, ela é um dogma que envolve sentimento e calor, e aquele que se aventura, mesmo a despeito desses fatos, a dizer que não crê em tal coisa, essa pessoa está, mais ou menos, cometendo “suicídio profissional”. Há, porém, um certo número de grandes nomes, na esfera da ciência, que jamais aceitaram a evolução. Sir Ambrose Fleming, Sir William Shelton, e muitos outros, dos quais poderia fazer-lhes menção. Permitam-me, porém, apresentar-lhes apenas duas citações finais: a única afirmação, escreve um biólogo, que a ciência pode fazer é dar a impressão de que ela nada sabe sobre a origem do homem. Temos alcançado, diz outro, “um estágio de muito ceticismo generalizado.”

E, por isso, devemos compreender que tudo o que está sendo ensinado e constantemente asseverado não passa de teoria, sem qualquer comprovação. E uma forma de dogmatismo, uma religião anti-Deus. Isso não se aplica, naturalmente, ao evolucionista teísta, mas, falando em termos gerais, descreve os outros.

Portanto, torna-se duplamente desgastante ver com quanta frequência a mídia se recusa a permitir que o ponto de vista anti-evolução seja declarado. Tal coisa, naturalmente, apenas confirma o prejuízo que se acha envolvido. A despeito dessas admissões por diversos cientistas, o prejuízo é tal que o outro lado nem mesmo é permitido falar para si mesmo. Daí tudo indicar, nitidamente, que estamos diante, não de um problema de ciência, mas de um problema de um espírito e de uma atitude de antagonismo em relação a Deus, e cuja preocupação, como alguns desses cientistas têm prontamente admitido, consiste em provar que a terra não podia ter começado como a Bíblia diz.

Aqui, pois, deixamos esta consideração da relação do relato bíblico da criação com a popular e prevalecente opinião científica. Não tive tempo de tratar dos evolucionistas teístas, porém não consigo entender pessoas que se prontificam a aceitar a teoria da evolução ante a ausência de provas e permitir que elas mesmas se metam em dificuldades. Que jamais comprometamos a verdade de Deus para encaixar alguma teoria científica. O tempo logo virá quando essa teoria científica, se ela contradiz a Bíblia, será substituída por outra. Portanto, que jamais admitamos que nossa posição nos seja determinada por passageiras teorias ou correntes da assim chamada opinião científica. Defendamos a verdade como se acha revelada, e sempre, repito, com uma mente aberta, atentando para os fatos que são colocados diante de nós. Tornemo-nos, porém, inteiramente livres desse dogmatismo pseudo-científico que tantas vezes se oculta por trás da aparência de um genuíno espírito científico.

Fonte: *Deus o Pai, Deus o Filho*, D. Martyn Lloyd-Jones, Editora PES, p. 167-183.